

O Círculo de Bakhtin e a lingüística: o abstrato e o concreto na constituição do sentido¹

Marlene Teixeira*

Resumo

Este artigo analisa as razões da atual *explosão bakhtiniana*: entre elas, é destacada a contribuição que o Círculo de Bakhtin tem dado à discussão sobre a definição do objeto *língua*, sobretudo no sentido de lidar com os elementos que foram subtraídos do objeto da lingüística no ato de sua inscrição no campo da ciência. O texto retoma, igualmente, a polêmica em torno da autoria das obras do Círculo a partir do modo como a concepção de sentido de seus membros lida com o abstrato e o concreto e como eles abordam a questão da intersubjetividade.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin, intersubjetividade, o abstrato e o concreto na concepção do sentido.

Introdução

A linguagem ocupa lugar central no pensamento de Bakhtin. Suas formulações e as de Voloshinov a esse respeito têm influenciado sobremaneira o pensamento lingüístico contemporâneo. No entanto, a lingüística como tal é objeto de inúmeras e contundentes críticas, especialmente em textos escritos a partir de 1925/1926, quando se pode falar de uma “virada lingüística” nos debates dos intelectuais que integram o Círculo de Bakhtin.

Como se explica a *explosão bakhtiniana* que, desde 1980, se verifica entre os lingüistas? Talvez o fato de que as idéias desenvolvidas entre os pensadores do Círculo fazem retornar a discussão, ainda atual, sobre a delimitação do domínio próprio à lingüística. Sabemos que essa é uma questão

* Professora no Mestrado em Lingüística Aplicada e no curso de Letras da Unisinos - RS.

polêmica que divide os lingüistas, colocando, de um lado, os que enfatizam, acima de tudo, a descrição/elaboração de modelos formais e, de outro, os que promovem a abertura do objeto *língua* para a diversidade concreta.

Observa-se que ambos os pontos de vista encontram oposição nos estudos contemporâneos: o primeiro, por não levar em conta o verdadeiramente concreto e o segundo, por diluir “o objeto língua como ‘ordem própria’ em proveito” do social (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16).

Parto do pressuposto de que as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin trazem elementos que, de algum modo, fazem avançar essa discussão, antecipando a instituição de uma lingüística da enunciação que articula forma e sentido e contempla a questão da intersubjetividade no âmbito dos estudos sobre a linguagem.

Utilizo a expressão “lingüística da enunciação” para nomear um conjunto de abordagens enunciativas da linguagem, que, embora diversas, apresentam um eixo de interesse comum: “Tomar os atos de linguagem com referência à singularidade da ocorrência contextual” (FLORES, 2001). Incluem-se nesse conjunto lingüistas pós-estruturalistas, tais como Bally, Jakobson, Benveniste, Ducrot, Authier-Revuz, que, de algum modo, buscam evidenciar as relações da “língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito” (FLORES, 2001, p. 11).

Refiro-me ao Círculo, não somente a Bakhtin, porque a proposição de reflexões sobre a linguagem não é um pri-

vilégio exclusivo de Bakhtin. O Círculo compreende um grupo multidisciplinar de intelectuais apaixonados por filosofia que se reunia regularmente, de 1919 a 1920 para debater idéias (FARACO, 2003, p. 15). Dentre os autores que o constituem, centralizo a atenção em Voloshinov e Bakhtin, já que é em obras assinadas por ambos ou somente por Bakhtin que se encontra propriamente uma teoria da linguagem.

Tomo por objeto de atenção textos (não todos) em que a referência à lingüística é explícita, tais como: “Para uma filosofia marxista da linguagem”, que constitui a segunda parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1981b, p. 69-136); o último capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981a), intitulado “O discurso em Dostoiévski” (p. 181-272); “Os gêneros do discurso” e “O problema do texto”, ambos publicados na edição brasileira de *Estética da criação verbal* (1992).

É comum encontrarmos entre os leitores de Bakhtin alguma discordância no que diz respeito à avaliação da posição do autor sobre a lingüística. Há quem veja um anti-saussurianismo radical nas colocações de Bakhtin; outros, ao contrário, entendem que Bakhtin não recusa a idéia de que a língua tem uma dimensão abstrata, ainda, que não encerre a análise lingüística na imanência da forma. Há, ainda, os que apontam problemas de coesão interna na posição de Bakhtin em relação à noção saussuriana de *língua*, ora recusando sua pertinência no processo de constituição do sentido, ora admitindo-a.

Para melhor situar essa diversidade de opiniões, é necessária uma referência à discussão existente em torno da autoria dos textos assinados por Bakhtin/Voloshinov: *Freudismo* (1927), *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929).² A questão é polêmica. Clark e Holquist (1998) argumentam na defesa de que *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL) deve ser atribuído a Bakhtin;³ Morson e Emerson (1989) contestam essa posição, apresentando evidências para que se reconheça, no mínimo, uma co-autoria nas obras assinadas por Bakhtin e Voloshinov (e também por Bakhtin e Medvedev).

Faraco (2003, p. 13-14) atribui essa controvérsia ao lingüista Ivanov, que, sem apresentar argumentação consistente, instituiu a dúvida sobre a autoria de MFL, dúvida que foi, posteriormente, estendida a obras como: *Freudismo* e *O método formal nos estudos literários*. A respeito dessa discussão, o autor assinala a existência de três posições:

1. a primeira é a daqueles que só reconhecem como da autoria de Bakhtin os textos publicados sob seu nome ou encontrados em seus arquivos;
2. a segunda posição é a daqueles que atribuem a Bakhtin a autoria de todos os textos considerados disputados;
3. a terceira posição é a daqueles que defendem que Bakhtin, de fato, escreveu textos em parceria com Volochinov e com Medvedev.⁴

Não é meu propósito tomar partido nesse debate, até porque não teria condições de trazer novos elementos

para esclarecer a questão. Apenas gostaria de destacar que, examinando-se o modo como a relação com Saussure se apresenta em MFL, assinado por Bakhtin/Voloshinov, e em *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD) e *Estética da criação verbal* (ECV), assinados somente por Bakhtin, encontramos posicionamentos diferentes.⁵ Para os propósitos da reflexão que quero fazer, sigo a orientação de Faraco, segundo a qual a autoria de MFL deve ser atribuída a Volochinov e a de PPD e ECV, a Bakhtin.

Em primeiro lugar, examino as posições de Voloshinov e Bakhtin em relação às idéias de Saussure, para, a partir daí, levantar a questão que centraliza esta discussão: de que modo a concepção de sentido pressuposta na reflexão desses autores lida com o abstrato e o concreto? Procuro também situar como a intersubjetividade, elemento essencial a qualquer abordagem enunciativa da linguagem, é contemplada por eles. Começo pelo que é proposto por Voloshinov na segunda parte de MFL, intitulada “Para uma filosofia da linguagem” (cap. 4 a 7).

A proposta de Voloshinov

A reflexão com que Voloshinov inicia a segunda parte de MFL assemelha-se à que motivou Saussure a empreender seus cursos de lingüística geral: o problema da delimitação de fronteiras do objeto. Saussure quer definir o objeto da ciência lingüística, empenhando-se em distingui-lo do de outras ciências que também se ocupam da linguagem. Já Vo-

Voloshinov busca o “objeto real” do que ele chama de “filosofia da linguagem”. No capítulo 4, levanta questões que ainda hoje são cruciais para a lingüística: qual o verdadeiro núcleo da realidade lingüística, o ato individual da fala ou o sistema da língua? Qual o modo de existência da realidade lingüística, a evolução criadora ininterrupta ou a imutabilidade de normas idênticas a si mesmas? (1981b, p. 89).

Para respondê-las, parte do exame de duas orientações do pensamento lingüístico-filosófico, por ele denominadas de subjetivismo idealista e objetivismo abstrato. Ambas as orientações são submetidas a uma análise crítica em profundidade nos capítulos 5 e 6. Detenho-me no capítulo 5, dedicado à crítica da segunda orientação, a do objetivismo abstrato, ligada ao nome de Saussure. Basicamente, Voloshinov: critica a idéia de língua como “sistema de normas imutáveis e incontestáveis”, que privilegia a descrição formal, estática e normativa de enunciações monológicas, em detrimento do “contexto de enunciações precisas”:

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, nos depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua: “[...] a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta” (p. 90).

Nega a possibilidade de construir um sistema sincrônico desligado da evolução da língua, uma vez que, a

seu ver, a língua está sempre em transformação:

[...] de um ponto de vista objetivo, o sistema sincrônico não corresponde a nenhum momento efetivo do processo de evolução da língua (p. 91).

Contesta a concepção de compreensão como ato passivo que exclui de antemão e por princípio qualquer réplica ativa:

[...] esse tipo de compreensão, que exclui de antemão qualquer resposta, nada tem a ver com a compreensão da linguagem. Essa última confunde-se com uma tomada de posição ativa a propósito do que é dito e compreendido (p. 99).

Flores (2002, p. 23) levanta problemas em relação aos dois primeiros aspectos da crítica feita em MFL ao objetivismo abstrato. Em sua avaliação, Voloshinov não leva em conta que, no *Curso de lingüística geral* (CLG), fala é um conceito dialeticamente articulado ao de *língua*,⁶ nem avalia o sentido dado à descrição sincrônica dentro do sistema conceitual de Saussure.⁷

Esses problemas de leitura do texto de Saussure são compreensíveis se considerarmos que os intelectuais do Círculo não tiveram acesso à discussão que o CLG⁸ veio a sofrer a partir do surgimento das fontes manuscritas.⁹ A descoberta e análise desse material revitalizou o debate em torno da obra de Saussure, além de indicarem que seu ensino não terminou (CORTELETTI, 2001). Mas não é na avaliação da crítica de Voloshinov ao objetivismo abstrato que vou me deter.

Gostaria de centrar a atenção no fato, apontado por Faraco (2003, p. 93), entre

outros, de que a posição de Voloshinov em relação ao lugar da forma no estudo da linguagem não se mantém coesa ao longo da obra MFL. De fato, há momentos em que ele desconsidera a língua no processo de constituição do sentido, remetido por ele ao contexto, como se pode observar nas afirmações abaixo:

[...] o sentido das palavra é totalmente determinado por seu contexto (1981b, p. 106); [...] A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino (p. 108).¹⁰

No entanto, em outros momentos, Voloshinov inclui as formas lingüísticas como parte inalienável do enunciado, deixando entrever a idéia de inseparabilidade entre forma e sentido no estudo da linguagem. Esse aspecto da visão do autor merece ser examinado por ser de grande interesse para fazer avançar a discussão sobre a relação forma/sentido na análise lingüística.

A distinção tema/significação, realizada no capítulo 7 de MFL, é indicativa dessa segunda posição. Nesse capítulo, Voloshinov examina o problema do sentido, que, segundo ele, é um dos mais difíceis da lingüística (1981b, p. 128-136). Ainda que ressalte a importância dos elementos não verbais da situação, percebe-se que ele não reduz a questão do sentido a uma análise puramente contextual, mas reconhece um aparato técnico que concorre para sua efetivação, a *significação*, elemento abstrato

igual a si mesmo, com possibilidade de significar no interior de um tema concreto (TEIXEIRA, 2000, p. 184-185).

A significação não está na palavra nem no falante ou em seu interlocutor, mas é o efeito da interação do locutor, e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro (1981b, p. 132).

Para Voloshinov, então, além do *tema*, que é a expressão de uma situação histórica concreta, a enunciação é dotada de *significação*, constituída por elementos que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos.

O reconhecimento da perspectiva formal como parte do sentido da enunciação é mais visível no capítulo 7, mas já está anunciada anteriormente, como, por exemplo, nas passagens retiradas do capítulo 5 (1981b, p. 92-94) que transcrevo abaixo:

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na **nova significação que essa forma adquire no contexto**. O que importa não é o aspecto da forma lingüística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não: para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma lingüística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada (p. 92 - grifo meu).

[...] o essencial da tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas reconhecê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular (p. 93).

[...] aquilo que constitui a descodificação da forma lingüística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo (p. 94).

Nessas afirmações, o componente abstrato da língua não é negado, pois aí está pressuposto que, mesmo o estudo das formas lingüísticas como tais, só é possível no interior de uma teoria da enunciação.¹¹ A segunda posição de Voloshinov sobre a relação do aspecto formal da língua e seu uso deixa entrever, então, uma semântica que comportaria duas dimensões em estreita correlação: o sentido dado pela estrutura (reiterável e sempre igual) e o sentido dado pela enunciação (sempre mutável e adaptável).

Na verdade, o aspecto efetivamente criticado por ele, no objetivismo abstrato, é a própria dicotomia *língua e fala*, posição que adianta o que virá a ser proposto por teóricos da enunciação como Benveniste e Ducrot. Esses autores fundamentam suas teorias em bases estruturalistas, reinterpretando, cada um a seu modo, as noções saussurianas de *língua e fala*. Benveniste, pela noção de enunciação, articula forma e sentido. Especialmente em *O aparelho formal da enunciação* (1989), publicado em 1970, ele rompe de modo explícito com

dicotomias formuladas em textos anteriores – semiótico/semântico; língua/discurso; pessoa/não-pessoa; referência à instância de discurso e referência a uma situação objetiva –, esboçando um modelo de enunciação em que língua e uso integram-se numa só abordagem (TEIXEIRA, 2004).

Por sua vez, Ducrot modifica e amplia os conceitos de *língua e fala* através das noções de *frase e enunciado*. Em sua concepção, o sentido não preexiste ao discurso, já que só nele se constitui. No entender de Barbisan (2004), o autor esvazia de semantismo a frase, componente abstrato, reconhecendo nela apenas *instruções* que orientam a busca do sentido no contexto. Pela noção de *instrução*, está pressuposta, em sua teoria, a diluição da dicotomia língua/fala.

Faço referência a esses dois autores para destacar que a posição de Voloshinov aproxima-se da tentativa de redimensionamento de objeto que hoje se encontra no campo da lingüística, no sentido de fazer coexistir metodologicamente forma e uso da linguagem.

Quando Voloshinov afirma:

[...] o que falta à lingüística contemporânea é uma abordagem da enunciação em si. Sua análise não ultrapassa a segmentação em constituintes imediatos. E, no entanto, as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações (p. 124-125)

está anunciando uma lingüística cujo objeto não é a língua nem a fala, mas a enunciação, evento de passagem do sinal ao signo,¹² através do qual se dá a semantização da língua. Como bem ob-

serva Faraco (2003, p. 93), Voloshinov não propõe a criação de uma segunda ciência para tratar do que a lingüística não trata.¹³

Resta mostrar como a intersubjetividade se deixa ver na semântica proposta por Voloshinov. Eu diria que essa questão aparece quando o autor conecta a distinção entre tema e significação ao problema da compreensão (1981b, p. 131). Já vimos que Voloshinov recusa a compreensão passiva, por entender que “qualquer tipo genuíno de compreensão [...] deve conter já o germe de uma resposta” (1981b, p. 131). A compreensão, para ele, é uma forma de diálogo, o que implica o reconhecimento da interação do locutor e do receptor no processo de instituição do sentido. A afirmação de que “só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz de sua significação” (1981b, p. 132) deixa ver que, na perspectiva de Voloshinov, a matéria lingüística adquire significação num processo ativo e responsivo, isto é, intersubjetivo.

A presença da intersubjetividade na teoria semântica de Voloshinov ganha contornos ainda mais ricos pelo reconhecimento de que, além de tema e significação, a palavra tem acento apreciativo ou de valor (1981b, p. 132). O acento apreciativo é transmitido através da entoação expressiva, que diz respeito à relação individual entre o locutor e o objeto do discurso.

[...] a entoação é determinada pela situação imediata e freqüentemente por suas circunstâncias mais efêmeras (1981b, p. 132).

Apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua e não na estrutura da enunciação se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo. Por causa da construção de um sistema lingüístico abstrato, os lingüistas chegaram a separar o apreciativo do significativo, e a considerar o apreciativo como um elemento marginal da significação, como a expressão de uma relação individual entre o locutor e o objeto de seu discurso (1981b, p. 135).

Formulações como essas mostram que Voloshinov integra o acento apreciativo ao sentido, ou seja, vê a orientação apreciativa como constitutiva da enunciação. Acredito que está pressuposta aí a concepção de que o sujeito semantiza a língua no evento enunciativo. É preciso dizer que Voloshinov concebe o sujeito na interação com o outro,¹⁴ e atribui a ele papel criativo no processo de composição do sentido, podendo, por sua entoação expressiva, desestabilizar as redes instituídas. Desse modo, o sistema teórico de Voloshinov acolhe o singular e o efêmero, aquilo que a racionalidade científica hegemônica abstrai.¹⁵

A afirmação que encerra o capítulo 7 parece confirmar essa interpretação:

Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias (1981b, p. 136).

Na terceira parte de MFL, Voloshinov faz uma espécie de demonstração de como se operacionaliza sua teoria

semântica, aplicando o que ele chama de “método sociológico” a mecanismos sintáticos. Se minha interpretação é válida, o método sociológico de Voloshinov integra os elementos abstratos da língua à estrutura da enunciação viva, entendida como espaço de diálogo entre acentos apreciativos. Ao propor um estudo do discurso citado (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), tradicionalmente descrito como um problema de sintaxe, não pelo viés de abordagens gramaticais ou estilísticas, mas numa perspectiva enunciativa, o autor evidencia que a análise dos fatos de língua não se faz por uma divisão de trabalho entre duas ciências, pois a forma só tem sentido na enunciação.

Esse estudo contempla a intersubjetividade, trazendo a questão do “outro” de maneira concreta, como dimensão constitutiva da linguagem: o outro, enquanto discurso e o outro enquanto receptor. De forma pioneira, o discurso citado é trabalhado como enunciação na enunciação, reação da palavra à palavra, discurso no discurso, recepção ativa do discurso de outrem.

[...] a unidade real da língua que é realizada pela fala [...] não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental para o diálogo (1981b, p. 146).

[...] o objeto verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo (p. 146).

Como se pode observar, além de teoricamente propor que o estudo da língua como tal só é produtivo no interior de uma teoria da enunciação, Voloshinov indica como articular metodologicamente, na análise de fenômenos de linguagem, a questão lingüística propriamente dita a dados da enunciação concreta, em que o outro é concebido como “lei constitutiva do tecido de todo discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 37).

Se por alguma razão, talvez até conjuntural, Voloshinov mostra-se contraditório em sua posição sobre os aspectos estruturais da linguagem, isso não deve obscurecer sua contribuição no sentido de anunciar uma lingüística da enunciação cujo objeto se institui pela diluição da clivagem abstrato/concreto e pela inclusão da relação intersubjetiva.

A teoria semântica de Voloshinov repousa sobre uma tensão permanente entre o tema e a significação de uma enunciação; configura-se como o lugar de uma contradição dinâmica entre o aspecto imutável do signo lingüístico e seu aspecto mutável e dependente da situação de enunciação; entre a significação estável de uma enunciação e seu tema móvel e único; entre os diferentes “acentos” sociais do mesmo signo lingüístico.

Passo a examinar, na sequência, como Bakhtin se coloca diante dessas mesmas questões em sua teorização sobre a linguagem.

A proposta de Bakhtin

Diferentemente de Voloshinov, Bakhtin tem uma relação positiva com a lingüística, ou seja, institui sua teoria da linguagem sem invalidar a teoria saussuriana, embora não deixe de assinalar que ela é insuficiente para o estudo da comunicação verbal.

A discussão entre os aspectos abstratos e concretos da linguagem encontra-se várias vezes formulada na obra do autor. No último capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981a, p. 181), a questão se coloca na distinção entre *língua*, objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração, e *discurso*, língua em sua integridade concreta. Bakhtin considera legítimo e necessário o procedimento da lingüística de recortar o objeto *língua* pela abstração de alguns aspectos da vida concreta do discurso. No entanto, situa seu interesse exatamente nos aspectos deixados de lado pela lingüística. Propõe, então, uma segunda disciplina para estudar o discurso, a metalingüística (translingüística).

Bakhtin não tenciona ocupar o terreno da lingüística, mas reconhecer a existência de dois campos distintos a serem articulados, dos quais um único, o da “fala concreta”, é seu objeto (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 27 - grifo da autora).

Na visão do autor, lingüística e metalingüística têm objetos autônomos e metas próprias, ainda que não necessariamente excludentes. A lingüística estuda a linguagem na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, (1981a, p. 183),

ao passo que a metalingüística ocupa-se do que ele chama de *relações dialógicas*, relações essas que não podem ser estabelecidas por critérios genuinamente lingüísticos, porque, embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente lingüístico de seu estudo (1981a, p. 182). O autor vê uma complementação entre os dois níveis, afirmando a necessidade de recorrer-se à língua para dar conta do discurso.

A temática das relações dialógicas está presente também em “O problema do texto” (1992), assim como o reconhecimento da necessidade de uma lingüística do sistema:

A relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua [...]. Essa realidade polimorfa e onipresente não pode ser da competência apenas da lingüística e ser apreendida apenas pelos métodos lingüísticos [...]. A lingüística estuda somente a relação existente entre os elementos do sistema da língua, e não a relação existente entre o enunciado e a realidade, entre o enunciado e o locutor (o autor) [...]. O lingüista está acostumado a perceber tudo num contexto fechado (dentro do sistema da língua ou do texto compreendido lingüisticamente, sem levar em conta a relação dialógica que se estabelece com outro texto, o texto que responde), e, como lingüista, sem dúvida, tem razão (1992, p. 345-349).

Bakhtin concebe a metalingüística para abordar enunciação e seus constituintes. Não interessa a ele o estudo da estrutura lingüística em si, embora não o descarte, mas o da significação do

evento enunciativo, em especial no que diz respeito aos efeitos de sentido das relações dialógicas que aí têm lugar. Em sua concepção, o sentido se define no ato de materialização das relações lógicas em relações dialógicas, o que implica reconhecer que a semantização da língua ocorre na enunciação:

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas (1981a, p. 183 - grifo do autor).

Em “Os gêneros do discurso” (1992), a questão abstrato/concreto retorna numa outra distinção. Trata-se daquela entre *oração* (unidade da língua, dotada de significação) e *enunciado* (unidade da comunicação verbal, dotada de sentido). Bakhtin estuda o enunciado sob dois aspectos: o que lhe vem da língua e é reiterável e o que lhe vem do contexto de enunciação e é único. Sendo assim, cada texto pressupõe um sistema de signos compreensível por todos (isto é, convencional, válido nos limites de uma dada comunidade), uma *língua*, bem como, simultaneamente, cada texto, em sua qualidade de enunciado, representa alguma coisa de individual, de irrepetível e aí reside o seu sentido. Este último aspecto não está vinculado aos elementos do sistema da língua, mas a relações particulares de natureza dialógica.

Nesse texto, assim como em “O problema do texto”, a concepção bakhtiniana de sentido também prevê com-

plementaridade entre os níveis da língua e do discurso, pois não descarta a idéia de que algo que é da ordem da língua se mantém como potencialidade a ser concretizada no interior de uma enunciação. Se, por trás de um texto não há uma *língua*, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural, diz o autor (1992, p. 331), ou seja, por trás de todo texto, encontra-se um sistema compreensível para todos, o sistema da língua, que, no texto, é tudo o que é repetível e reproduzível. Em sua qualidade de enunciado, porém, o texto é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido. Do mesmo modo que o segundo Voloshinov, Bakhtin defende que as formas lingüísticas só têm sentido no interior de uma enunciação, como se pode atestar na pergunta que ele formula em “O problema do texto”: “Como admitir a existência do discurso indireto livre sem querer admitir que o verbo seja bivocal?” (1992, p. 349)¹⁶ e na passagem abaixo transcrita:

O sistema da língua dispõe de uma reserva imensa de recursos puramente lingüísticos para expressar formalmente o ato vocativo: recursos lexicais, morfológicos (as flexões correspondentes, os pronomes, as formas pessoais do verbo), sintáticos (os diferentes clichês e modificações de orações). Essas formas porém só podem implicar um destinatário real no todo de um enunciado concreto. [...] quando se analisa uma oração isolada tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância ideológica que remete aos enunciados

anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro (1992, p. 326).

Na visão de Bakhtin, no enunciado, as palavras adquirem uma expressividade que deixa de ser típica e torna-se individualizada, em função do contexto individual, irreproduzível do enunciado.

[...] apenas o contato entre a significação lingüística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade. Esta não está no sistema da língua e tampouco na realidade objetiva que existiria fora de nós (1992, p. 311).

É interessante assinalar, em relação à questão da *expressividade*, presente na citação acima, que, como Voloshinov, Bakhtin abre espaço para o singular em sua teorização sobre a linguagem. Nesse sentido, seu ponto de vista também transcende a racionalidade típica da ciência moderna, calcada na idéia de universal. Há, inclusive, uma passagem em que Bakhtin pergunta se a ciência pode tratar de uma individualidade tão absolutamente irreproduzível como o enunciado, que estaria fora do âmbito em que opera o conhecimento científico propenso à generalização. Sua resposta é categórica: “Não há dúvida de que pode” (1992, p. 335). Parece correto afirmar, então, que a lingüística da enunciação de Bakhtin (como a de Voloshinov), por tomar como objeto unidades da comunicação verbal – os enunciados – que são irreproduzíveis e estão ligados por uma relação dialógica –

é da ordem da efemeridade. Trata-se de um sistema teórico que só tem sentido para o evento comunicativo em ato, dedicado ao subjetivo, ao fortuito, portanto, “irredutível à compreensão lógica” (FARACO, 2003, p. 21).

Se é verdade que Bakhtin não desconhece a importância da lingüística como tal para o tratamento da língua em sua generalidade, ou seja, fora de qualquer situação de uso, mostra-se um crítico contundente em relação ao tratamento que a lingüística do século XIX¹⁷ dá à comunicação verbal. Segundo ele, a lingüística fez uma “estimativa errada das funções comunicativas da linguagem, desconsiderando a forçosa relação do falante com os outros parceiros da comunicação verbal” (1992, p. 289). Tal como Voloshinov, e até mesmo com mais veemência, nos capítulos de *Estética da criação verbal* aqui focalizados, ele contesta a compreensão passiva, que pressupõe a idéia de que o ouvinte é apenas um duplicador do pensamento do falante (1992, p. 291). Para Bakhtin, a compreensão de uma fala viva é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa: o ouvinte concorda ou discorda, completa, adapta, apronta-se para agir desde as primeiras palavras emitidas pelo locutor (1992, p. 190); o próprio locutor é um respondente, já que toma a palavra na cadeia complexa de outros enunciados.

A compreensão responsiva ativa pressupõe o princípio dialógico e a noção de alteridade como constitutivos do sentido. A enunciação, em Bakhtin, é atividade intrinsecamente dialógica, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro. Em cada palavra há vozes, “vozes que podem ser

infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas [...] inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente” (1992, p. 353).

Nunca é demais salientar que a palavra “diálogo”, em Bakhtin, contraria entendimentos consagrados pelo senso comum. No sistema teórico do Círculo, “diálogo” não se reduz à interação face-a-face, isto é, “ao encontro fortuito de dois seres empíricos isolados e auto-suficientes, soltos no espaço e no tempo, que trocam enunciados a esmo” (FARACO, 2003, p. 62); nem significa “entendimento”, nem “geração de consenso”. Tanto para Voloshinov quanto para Bakhtin, as relações dialógicas são entendidas como espaços de tensão entre vozes sociais.¹⁸

Para concluir

Muito ainda poderia ser dito sobre as idéias lingüísticas de Bakhtin, percorrendo-se mais amplamente sua obra. No entanto, creio já ter trazido elementos suficientes para fundamentar a idéia de que as reflexões lingüísticas do Círculo de Bakhtin apresentam contribuição para que se enfrente o desafio que mobiliza hoje as disciplinas da significação: como lidar com os elementos que foram subtraídos do objeto da lingüística no ato de sua inscrição no campo da ciência? Retomo sucintamente essas idéias para melhor situar a resposta do Círculo a essa questão.

Na discussão entre o abstrato/sistemático e o concreto/mutável, Voloshinov opta por integrá-los numa só abordagem, dentro de uma ciência cujo objeto é a interação verbal (a enunciação). Já

Bakhtin não se opõe à existência de uma ciência, a lingüística, que se ocupe da face estrutural das línguas. Entretanto, se ele a julga apta para o tratamento da forma, não a considera capaz de tratar da comunicação. A língua em sua concretude só pode ser objeto de estudo de uma segunda ciência, a metalingüística, em que a linguagem é concebida como um conjunto de práticas socioculturais, concretizadas em diferentes gêneros do discurso,¹⁹ e atravessadas por diferentes vozes sociais (FARACO, 2003, p. 106).

A esse respeito, pode-se concluir que Voloshinov toma o estrutural como, no fundo, de natureza histórico-social (e até mesmo intersubjetiva/dialógica), ao passo que Bakhtin o considera como um fenômeno diferente dos fenômenos discursivos e que, portanto, requer análise diferente (FARACO, 2003, p. 102).

De qualquer modo, a importância de ambos está em anunciar a fundação de uma lingüística – seja ela “a” lingüística ou “uma” lingüística do discurso articulada à formal – que promove a enunciação como centro de referência do sentido dos próprios fenômenos lingüísticos, vendo-a como evento, sempre renovado, pelo qual o locutor se institui na interação viva com as vozes sociais. Essa perspectiva, além de dar lugar ao sujeito nos estudos semânticos, indica que abstrato e concreto articulam-se no processo de constituição de sentidos no discurso.

Naturalmente, as formulações de Bakhtin e Voloshinov sobre a linguagem não se prestam ao tratamento gramatical propriamente dito. Os aspectos normativos e sistêmicos da linguagem, a palavra isolada de seu contexto, que têm atraído a atenção da maioria dos

lingüistas, na perspectiva desses teóricos, torna-se sinal. No entanto, as idéias desenvolvidas por eles podem constituir-se na base de métodos de ensino que queiram familiarizar o aprendiz com os efeitos de sentido das formas da língua inseridas numa situação concreta. Em MFL, Voloshinov indica, em nota de rodapé, que um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não só ao sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas à estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável (1981b, p. 95). Está indicada aí a necessidade de tratar os fenômenos lingüísticos dentro do evento enunciativo em que eles aparecem, tomando-se a compreensão como dialógica, ou seja, como resultante de uma construção (sempre provisória) que se dá na interação entre sujeitos que não são *entes autônomos e pré-sociais*, mas indivíduos socialmente organizados “[...], marcados por profunda e tensa heterogeneidade” (FARACO, 2003, p. 106-107).

Talvez se possa encontrar aí amparo para superar o modo de pensar por categorias monolíticas e fixas, típica da racionalidade que orienta nossas ações pedagógicas e que nos tem levado a dissociar forma e uso no tratamento da linguagem.

Bibliografia

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Cam-

pinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 11-80.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981a.

_____. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981b.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBISAN, Leci Borges. *Língua e fala: conceitos produtivos de teorias enunciativas. Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, dez. de 2004. (no prelo).

BENVENISTE, Émile. *Princípios de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CORTELETTI, Mônica Nóbrega. *O mesmo e o outro: a constituição do sentido na articulação entre lingüística e psicanálise*. Tese (Doutorado) - PUCRS, Porto Alegre, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Edições Criar, 2003.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação. In: BARBISAN, L. B.; FLORES, V. N. (Org.). *Estudos sobre enunciação, texto e discurso. Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 36, n. 4, p. 7-67, dez. 2001.

_____. Bakhtin e Saussure: convergências e divergências. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, dez. 2002. p. 21-26. (Coleção Ensaios, 5).

_____. Por que gosto de Benveniste? *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, dez. 2004. (no prelo).

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. *Discurso, trabalho & dialogismo: a atividade jurídica e o conflito trabalhador/patrão*. Tese (Doutorado) - PUC, São Paulo, 2004.

MORSON, Gary; EMERSON, Caryl (Ed.). *Rethinking Bakhtin: extensions and challenges*. Evaston, III: Northwestern University Press, 1989.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise*. Elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

_____. Benveniste: um talvez *terceiro gesto?* *Letras de Hoje*. Porto Alegre: Edipucrs, dez. 2004. (no prelo).

Notas

- ¹ Este texto foi apresentado na mesa-redonda: "Dialogismo e texto na perspectiva da lingüística e da literatura". I Seminário Nacional de Língua e Literatura: o texto e suas múltiplas vozes. Universidade de Passo Fundo, outubro de 2004. Integrou também a mesa o professor Dr. Pedro Brum Santos (UFSM).
- ² Não me refiro à disputa autoral em torno de *O método formal nos estudos literários* (1928), que Bakhtin assina com Medvedev, por não tomar essa obra como foco de atenção neste trabalho.
- ³ Para fundamentar sua posição, valem-se de depoimentos de pessoas próximas a Bakhtin; da avaliação da metalinguagem marxista utilizada neste e em outros livros; do momento histórico da publicação do livro (cf. FLORES, 2002, p. 22).
- ⁴ Faraco adota a primeira posição, fundamentando-a no fato de que Bakhtin, após a década de 1960 e até sua morte, teve oportunidades concretas de reivindicar a autoria dos textos mencionados, mas não o fez.
- ⁵ O reconhecimento de que Bakhtin, quando assume sozinho a autoria dos textos, não adota a mesma atitude em relação à lingüística de Saussure, comparando-se com os textos em que Voloshinov aparece como co-autor, já está indicado em Authier-Revuz (2004), Flores (2002) e Faraco (2003).
- ⁶ A mudança da *língua* está na dependência da *fala*, conforme atestam os capítulos "Imutabilidade e mutabilidade do signo lingüístico" e "As entidades concretas da língua e identidades realidades e valores" do CLG. Concepções como as de linearidade do significante e relações sintagmáticas são absolutamente dependentes do contexto da fala (FLORES, 2002, p. 23).

- ⁷ Segundo Flores (2002, p. 23), nesse sistema [o do CLG], os fatos diacrônicos estão na língua, mas nada têm de geral, e é por isso que Saussure não privilegia a descrição diacrônica. Ao criticar a ausência de historicidade na noção estruturalista de Saussure, Voloshinov ignora que o que entende por história não é o que Saussure entende por diacrônico.
- ⁸ Sabemos que o CLG é uma obra polêmica, escrita a partir de duas fontes: notas dos três cursos sobre lingüística geral, ministrados por Saussure em Genebra (1906-1911) e notas autobiográficas de Saussure (CORTELETTI, 2001).
- ⁹ A partir de 1957, R. Godel inicia a publicação: (a) de notas de alunos relativas ao curso de lingüística geral de Saussure; (b) de manuscritos saussurianos inéditos; (c) de outras fontes manuscritas; (d) de uma análise das fontes manuscritas do CLG (CORTELETTI, 2001).
- ¹⁰ Tal visão justifica a crítica a Voloshinov feita por Authier-Revuz (1998). Ela o coloca entre os autores que, pensando *contra* Saussure, promovem a anulação da língua no social.
- ¹¹ A esse respeito, vale ressaltar referências feitas por Voloshinov à falta de "relação e de transição progressiva entre as formas dos elementos constituintes da enunciação e as formas do todo no qual ela se insere; ao abismo existente entre a sintaxe e a enunciação" (1981b, p. 104).
- ¹² Por *sinál*, Voloshinov entende o nível da recorrência e do estável; por *signo*, o sempre imutável e adaptável (1981b, p. 93).
- ¹³ A esse respeito, a posição de Authier-Revuz é semelhante. Segundo ela, Voloshinov não procura a articulação entre duas lingüísticas, uma da forma e outra do uso, mas uma *substituição por* (2004, p. 28).
- ¹⁴ Perspectiva que se opõe à do subjetivismo idealista, segundo a corrente do pensamento filosófico-lingüístico criticada por Voloshinov, que entende o sujeito como puramente individual, único dono da palavra (cf. capítulo 6 de MFL).
- ¹⁵ Nesse aspecto, podemos aproximá-lo de uma perspectiva como a de Benveniste, que, na interpretação de Flores (2004), faz da enunciação um conceito geral que só tem sentido para o individual, instituindo um sistema teórico apto a tratar da singularidade que habita a regularidade.
- ¹⁶ Nesse texto, ele refere também às *aspas* como forma marcada da presença de um discurso no outro.
- ¹⁷ Humboldt e Vossler são os autores nomeados por ele nessa crítica.
- ¹⁸ A esse respeito, indico a leitura de Amorim (2001) e di Fanti (2004).
- ¹⁹ Os gêneros do discurso são modelos padrões de construção de um todo verbal, que se distinguem por princípio do modelo *lingüístico das orações* (1992, p. 357), pois "são enfocados pelo viés dinâmico da produção" (FARACO, 2003, p. 111). Bakhtin dá especial relevo ao estudo da natureza e da diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana, considerando-o de importância capital para todas as áreas da lingüística e da filologia (1992, p. 282). Em razão dos limites deste estudo, deixo de contemplar essa discussão.